6.
CONCLUSÃO

Seguindo os rumos de suas reflexões, sem pretender enunciar uma verdade última que contribuísse para fixar no livro uma imagem exemplar de si, Montaigne atualizava a intenção afirmada no proêmio, de deixar de lado as cerimônias para levar a cabo a empresa anunciada desde a *Advertência ao leitor*, de representar-se "ao vivo", numa coleção de registros de seus traços e humores: "que par ce moyen ils nourissent plus entiere et plus vifve, la connoissance qu`ils ont eu de moy."[1]

Como dizia nessa passagem de *Da presunção*, era a preocupação em obedecer às cerimônias que fazia com que as palavras dos homens jamais se ativessem à substância das coisas – "le tronc et le corps" - e que se agarrassem somente ao vazio das aparências – "aux branches"[2]. Ou seja, antes à consideração dos modos como falavam, para que pudessem angariar a aprovação do mundo, do que à franqueza de suas palavras. Assim, valorizando mais a franqueza que a obediência às cerimônias, para apreender-se em sua verdadeira substância, ele se limitou a fornecer aos seus interlocutores indícios seus sobre os quais refletir por si mesmos, recusando-se a enunciar uma falsa palavra de autoridade que lhes limitasse a atividade natural do juízo assim como dele próprio enquanto autor. Procedendo desse modo, com efeito, conferiria ao seu discurso a beleza de um encadeamento coerente e linear e estaria em harmonia com os preceitos da "*dispositio*" dos retores, mas porém, em desacordo com a autêntica natureza de sua experiência interior. A ele, enquanto autor de um autoretrato, cabia, ao contrário, adequar-se a ela e gerar assim, uma composição que se colocava fora dos padrões usuais, didáticos e estéticos que regulavam as relações entre autor e leitor, fundadas, como já vimos, na troca entre a instrução e o elogio, que fazia a fama do autor como exemplo de sabedoria.

[1] Ver p. 90.
[2] Ver p. 159.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410556/CB

Escrevendo externamente aos modos convencionais, portanto, Montaigne não se responsabilizava pelo sentido que fosse conferido à expressão de seus pensamentos. Investigando a si mesmo para mostrar-se isento dos excessos da glória e da presunção, não procurava declarar-se possuidor de uma sabedoria extraordinária. Deveria sê-lo, com efeito, para erradicar inteiramente da alma este vício reconhecido enfaticamente desde os primeiros humanistas como natural e profundamente arraigado no espírito humano, manifesto tanto entre os homens do presente como entre os homens do passado. Provar enfim que não tinha essa ambição de engrandecer-se não levava Montaigne a acreditar-se portador de uma certeza acerca da melhor maneira de combater a vã glória e ao desejo de transmitir ao seu leitor esse alto saber. Com efeito, lhe deixando livre para julgar, concedia a este o direito de concluir que era um presunçoso, e que se não enunciava ali uma certeza doutrinal e não concedia autoridade às suas afirmações, sua autodescrição era frívola, feita somente para vangloriar-se. Seu leitor assim, deveria sentir-se no pleno direito de irritar-se com sua ousadia e fechar o livro.

Mas, por outro lado, podia também, confiar em sua profissão de "bonne foy", compreender e aceitar o convite à boa filosofia da investigação com que os *Ensai*os lhe acenavam. Na passagem sobre a crítica das cerimônias – que escolhemos como mote dessa nossa parte conclusiva -, Montaigne desdenhou a ignorância e criticou a impostura moral daqueles que eram incapazes disso e que, portanto, não podiam ser seus interlocutores. Estes eram os que tomavam a obediência externa às conveniências como medida do valor moral: "La ceremonie nous deffend d`exprimer par parolles les choses licites et naturelles, et nous l`en croyons; la raison nous deffend de n`en faire point d`illicites et naturelles, et personne ne l`en croit." Antepondo o valor das cerimônias ao da conduta franca, segundo a própria razão e dando mais importância às palavras de um homem do que à retidão de seus costumes, eles só poderiam enxergar de modo equivocado o discurso de Montaigne, entendendo como vício o que era apenas a representação de seus traços naturais.

De fato, é verdade que não havia nos *Ensaios* o desenvolvimento serial de uma argumentação, mas era possível porém, descobrir uma certa lógica na sucessão de seus percursos e enunciados, ainda que esta estivesse a serviço da ênfase no caráter contingente de suas afirmações. Àqueles que não buscassem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410556/CB

respostas instrutivas e exemplares, mas entendiam que o essencial dessa leitura era não estacar a atividade investigativa da razão, mas ativá-la a todo momento, Montaigne oferecia a oportunidade de reconhecer os pontos em que se enunciavam suas idéias mais firmes e gerais, que reapareciam repetidas vezes.[3] Elas se revelavam constantes na própria mobilidade de seu pensamento dispersando as prováveis suspeitas de presunção.

Era sobretudo combinatória a lógica de sua meditação, formando pontos de convergência nos quais suas asserções corroboravam-se lateralmente, reforçando-se em meio à miscelânea de seus materiais. Por isso, para uma leitura mais adequada dos *Ensaios* acreditamos útil e necessário retomar, por vezes, passagens anteriores, reconstituir e enriquecer seus sentidos diante das afirmações posteriores, a fim de apreender a expressão das idéias de Montaigne surpreendendo-as em sua própria mobilidade natural. Seu registro, atendia assim, ao intento de reproduzir sua verdade viva, na própria substância de sua experiência. Esse intento se cumpria no modo como a formulação de suas perspectivas era indissociável da expressão dos caminhos da meditação e dos ensaios do *jugement* pelos quais as fazia suas, concebendo a realidade das coisas dentro das medidas naturais de sua razão.

Ao longo dos dois ensaios aqui analisados, *Da glória* e *Da presunção* é a afirmação de lealdade e franqueza que parece ressurgir com mais freqüência, pontuando os rumos da reflexão de Montaigne. Ela funciona como pano de fundo contra o qual se destacam em cores vivas os vícios de sua época, marcados pelo hábito generalizado da dissimulação. A difusão deste hábito tinha então como princípio as ambições desmedidas de seus contemporâneos, de pretender fazer-se conhecer não em sua verdade, mas pela glória imortal de grandes feitos ou de obras primas literárias e artísticas, que os tornavam mais perfeitos aos olhos alheios, tidos como modelos de excelência perfeita dignos de ser imortalizados

Esse princípio da lealdade solicitado e reforçado pela crítica da glória, como sabemos, é de fundamental importância nos *Ensaios*, e aparece ainda em numerosos capítulos, desde a declaração de “bonne foy” de sua página de abertura. A exigência de veracidade talvez seja a única proposição que se repete

[3] TOURNON, A., op. cit., p. 176.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410556/CB

sem qualquer alteração nem equívoco pois ela dá caução à obra, apresentada como testemunho e revelação de si em todos os seus desenvolvimentos.[4]

Entretanto, solicitada pela crítica do vício da glória tal exigência parece consolidar-se da maneira mais expressiva. Com efeito, após atravessar a reflexão dos dois capítulos, em declarações recorrentes Montaigne retorna a ela, para conferir-lhe o papel central de tema do ensaio seguinte a *Da presunção, Do desmentir,* em que mais uma vez focaliza o modo como a dissimulação tornara-se comum à sua volta, deplorando a forte presença desse vício como marca da decadência de seu tempo: "O primeiro indício da corrupção dos costumes é o banimento da verdade; pois, como dizia Píndaro, o ser verdadeiro é o começo de uma grande virtude (C) e a primeira condição que Platão impõe ao governante de sua república."[5]

Conforme já declarava, por exemplo, nessa passagem de *Da glória,* não era a presunção mas sua disposição e coragem de exibir-se em sua verdade - qualidade tão rara de ser encontrada em sua época - que movia o desprezo pela aprovação de outrem, de preferência a deixar-se levar pelas paixões dos bens do mundo que tornavam os homens dúplices em suas palavras e em suas ações:

> Não me preocupa tanto qual eu seja para outrem tanto quanto qual eu seja em mim mesmo. Quero ser rico por mim, não por empréstimo. Os estranhos vêem apenas os acontecimentos e as aparências externas; cada qual pode ter um ar alegre exteriormente e por dentro estar cheio de febre e receio. Eles não vêem meu coração vêem apenas meu comportamento[6]

De fato, essa maneira de representar-se - fundando sua verdade no desdém pelas marcas exteriores de sabedoria, que bem disporiam imediatamente a seu favor o juízo alheio - , paradoxalmente, ao invés de significar uma exclusão radical da relação com outrem, devia levar a uma maior abertura. Esta se definia pela recusa em ter seus leitores como estranhos, que, conforme a passagem citada acima, jamais iam além da consideração das aparências externas e da adequação

[4] Idem, p. 186.
[5] "Le premier traict de la corruption des moeurs, c`est le bannissement de la verité: car, comme disoit Pindare, l`estre veritable est le commencement d`une grand vertu, (C) c`est le premier article que Platon demande au gouverneur de sa republique." MONTAIGNE, II, 18, p. 666.
[6] "Je ne me soucie pas tant quel je sois chez autruy, comme je me soucie quel je sois en moy mesme. Je veux estre riche par moy, non par emprunt. Les estrangers ne voyent que les evenemens et apparences externes; chacun peut faire bonne mine au dehors, plein au dedans de fiebvre et d`effroy. Ils ne voyent pas mon coeur, ils ne voyent que mes contenances" Idem, II, 16, p. 625.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410556/CB

às conveniências do mundo – "Ils ne voyent pas mon coeur, ils ne voyent que mes contenances." A própria maneira da composição de seu discurso deveria levá-los a se posicionar como amigos e parentes próximos, capazes de ver seu coração e de estabelecer um comércio vivo com ele, através do conhecimento de seus humores e inclinações, apreendidos em sua substância viva na escrita.[7]

Mais adiante, em *Da presunção*, ao pintar seu autoretrato moral, Montaigne reforçou a aversão natural de seu temperamento ao vício da dissimulação que servia aos excessos das ambições, se interpondo entre os homens e presidindo suas relações: "(...) quanto a essa nova virtude de fingimento e de dissimulação, que atualmente está tão em voga, abomino-a mais que tudo (...) Minha alma por sua constituição, rejeita a mentira e detesta até mesmo pensar nela."[8]

A rejeição da mentira nos *Ensaios*, em suma, implicava num discurso exclusivamente a serviço da disposição de examinar-se a si mesmo e de indagar-se a todo instante para conhecer-se e conduzir-se de acordo com sua razão, ou seja, com os modos como "se sentia ser". Assim, o que sua escrita perdia em coerência discursiva e em poder de síntese e de demonstração, ganhava pelos efeitos de insistência[9], em afirmações de sua sinceridade que se retomavam e se desenvolviam no interior de seu discurso, e especialmente nos ensaios que tomamos aqui como objeto, centrados na crítica da glória. De fato, o tema tinha a prerrogativa de situar Montaigne em sua condição de escritor, tanto diante de si mesmo e de suas motivações como diante de seus leitores, intimados de maneira insistente a dar crédito a autenticidade de suas proposições.

Com efeito, essa reflexão não se dava por esgotada ao fim de *Da presunção.* No ensaio seguinte *Do desmentir* ele deu continuidade a ela. Enfim, reforçava, o desejo de celebridade póstuma jamais poderia combinar-se ao seu intento de registrar de maneira espontânea, seus comportamentos mais simples e ordinários, para que sua escrita fosse capaz de produzir vida:

[7] Ver item 4.1.
[8] "(...) quant à cette nouvelle vertu de faintise et de dissimulation qui est à est à cet heure si fort en credit, je la hay capitallement (...) Mon ame, de sa complexion. refuit la menterie et hait mesmes à la penser." Idem, II, 17, p. 647.
[9] TOURNON, A., op. cit., p. 185.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410556/CB

> Não estou erguendo aqui uma estátua a ser plantada à entrada de uma cidade ou numa igreja ou praça pública (...) Isto é para o canto de uma biblioteca e para distrair um vizinho, um parente, um amigo, que terá prazer em voltar a encontrar-me e a freqüentar-me nessa imagem. (...) Quanta alegria me causaria ouvir assim alguém que me narrasse os hábitos, (C) a aparência, as atitudes, as palavras habituais (A) e as fortunas de meus ancestrais![10]

Mas, de todo modo, era o próprio Montaigne o primeiro interlocutor dos *Ensaios.* Como afirmava nesse significativo acréscimo a *Do desmentir*, a ausência de leitores não levaria ao fracasso de sua empresa. Através dela ele buscava apreender sua verdadeira forma, sanando a experiência do vazio e da fragmentação que caracterizava sua vivência interior, apartada dos enganos do mundo:

> (C) E, mesmo que ninguém me leia, acaso terei perdido meu tempo ao entreter tantas horas ociosas com pensamentos tão úteis e agradáveis? Ao modelar sobre mim esta figura, tantas vezes tive de me ajustar e compor para transcrever-me que o molde se consolidou e de certa maneira formou a si mesmo.[11]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410556/CB

[10] "Je ne dresse pas icy une statue à planter d`une ville, ou dans une Eglise, ou place publique (...) C`est pour le coin d`une librarie, et pour en amuser un voisin, un parent un amy, qui aura plaisir à me racointer et repratiquer en cett`image. (...) Quel contentement me seroit ce d`ouir ainsi quelqu`un qui me recitast les meurs, (C) le visage, la contenance, les paroles communes (A) et les fortunes de mes ancetres." Idem, II, 18, p. 664.

[11] "(C) Et quand personne ne me lira, ay-je perdu mon temps de m`estre entendu tant d`heures oisifves à pensements si utiles et aggreables? Moulant sur moy cette figure, il m`a fallu si souvent dresser et composer pour m`extraire, que le patron s`en est fermy et aucunement formé soy-mesmes." Idem, p. 665.